

**E AGORA?**



# E AGORA?

ROSALBA GARCIA BRUSIQUESE

*Duas mães, dois filhos  
e suas vidas cruzadas*



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021  
Copyright © Rosalba Garcia Brusquese, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

PREPARAÇÃO  
**Larissa Sobral**

REVISÃO  
**Bianca Gulim**

CAPA  
**Bruno Ortega**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Brusquese, Rosalba Garcia.

E agora? / Rosalba Garcia Brusquese. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-89850-05-2

1. Ficção brasileira 2. Drama I. Título

CDD: 869.3



**São Paulo**

Rua Coronel Leme, 43

Centro | Bragança Paulista | SP

12.900-340

[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

*Ao mestre, mentor, amigo e coautor de todas as  
coisas boas que aconteceram na minha vida.*

*Eterno ACQUAVIVA*





# 1

*Seis de janeiro*

Seria como qualquer outro dia se Antônia não estivesse fazendo sua última faxina gestante de praticamente nove meses. Era uma moça bonitinha, de vinte e dois anos, morena, olhos comuns e a roupa grudada no corpo, não dispensando esse detalhe nem no último mês de gravidez.

Saiu esbaforida da casa de sua patroa, pegou o ônibus urbano e, lá dentro mesmo, começou a sentir as dores do parto, para desespero do motorista e dos demais passageiros.

— Meu Deus! Ajudem aqui! — clamou o cobrador, um moleque assustado que pulava mais do que um canguru. — Ajudem! Ajudem! — insistiu numa gritaria sem precedentes.

Assim, Antônia foi levada às pressas ao pronto-socorro. Mas, por estar ainda em bairro nobre, foi socorrida em um hospital luxuoso.

Foi encaminhada imediatamente para a sala de partos, onde, como por um passe de mágica — desses que só o dinheiro proporciona —, encontravam-se dois médicos e três enfermeiras, que, mesmo utilizando máscaras, claramente estavam espantados por atender uma moça tão fora dos padrões da elite.

Nasceu um lindo bebê, saudável e perfeito.

No mesmo instante, no mesmo hospital, nasceu outro bebê; este, sim, em um berço abastado. Filhinho de uma famosa artista plástica chamada Consuelo, uma bela mulher de trinta e um anos, olhos claros, cabelos castanhos e muito curtos, lábios finos, um corpo bastante definido e trajes extremamente bem compostos. Seu marido, Leopoldo Junqueira, um conceituado profissional, empresário voltado para a manufatura da borracha e plástico, proprietário da Manufatura de Borracha Junqueira S/A, estimado por todo o mercado, era nove anos mais velho que ela, tinha uma estatura mediana, pele clara, cabelos bem cortados e levemente grisalhos, olhos azeitonados, mandíbula bem definida e um furinho no queixo que lhe dava todo o charme de um belo exemplar da raça humana.

Consuelo, emocionada e com o rebento no colo, falou:

— Leopoldo, é nosso! Veja! Um menininho, como você sempre quis.

— Estou vendo. Obrigado, Consuelo! Por ser minha mulher e agora me dar a maior felicidade que um homem pode ter — disse, levantando o bebê para o céu, em célebre agradecimento a Deus.

Em seguida, deu um longo beijo na testa de sua delicada esposa e declarou:

— Já convidei meus amigos e hoje fumarei aquele charuto!

— Isso mesmo, quero que nosso pequeno seja recebido com festa, alegria, uma grande festa!

Do outro lado, Antônia conversava com seu marido, Claudionor, que era porteiro de um prédio de classe média, gordinho, meio calvo, olhos comuns; um bom marido.

— Mas, Claudionor, não tive culpa, nasceu aqui porque não teve outro jeito.

— Eu sei, mulher, mas e se cobrarem depois? Como vamos pagar esse parto? Meu Deus!



Ficou parado, com a testa enrugada.

— Ai, não sei.

— É, mas se bem que você gostou de ficar nessas “lençol”; parecia até uma rainha.

— É, gostei mesmo!

Os dois riram muito, depois pegaram o filhinho no colo e o acariciaram.

— Vou fazer um churrasco, convidar a rua inteira; vai ser um festão! — exclamou o marido.

— Isso mesmo, nosso filho vai ter uma grande festa!

Ele a beijou na testa e cochichou em seu ouvido:

— Obrigado, minha rainha, por ser minha mulher e, agora, por me dar a maior felicidade do mundo, e também uma grande preocupação. — Coçou a cabeça.

Consuelo deu a seu filho o nome de Igor, em homenagem ao avô materno. Enquanto isso, Antônia chamou o seu bebê de Lisomar, em homenagem ao seu pai; mas acabou que todos passaram a o chamar de “Liso”.